

## **Relato de experiência sobre o uso racional dos fitoterápicos contra a Covid-19 na comunidade redinha**

Experience report on the rational use of phytotherapy against Covid-19 in the redinha community

Informe de experiencia sobre el uso racional de la fitoterapia contra Covid-19 en la comunidad redinha

Recebido: 31/03/2021 | Revisado: 10/04/2021 | Aceito: 15/04/2021 | Publicado: 28/04/2021

### **Mylena Medeiros Simões**

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0654-4733>  
Universidade Federal de Campina Grande, Brasil  
E-mail: mylenamedeirossimoes@gmail.com

### **Maria Francyerla Miguel da Silva Leite**

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7968-7751>  
Universidade Federal de Campina Grande, Brasil  
E-mail: francyerllaleite@gmail.com

### **Fernanda Matias Cariri Marques**

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5571-1596>  
Universidade Federal de Campina Grande, Brasil  
E-mail: fernandacariri20@gmail.com

### **Maurício André Campos de Medeiros**

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0276-527X>  
Universidade Federal de Campina Grande, Brasil  
E-mail: mauricioandre64@gmail.com

### **Maria Estella Torres Pereira**

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8087-6744>  
Universidade Federal de Campina Grande, Brasil  
E-mail: maria.estella.t@gmail.com

### **Júlia Kiara da Nóbrega Holanda**

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1426-0714>  
Universidade Federal de Campina Grande, Brasil  
E-mail: juliakiaranh@gmail.com

### **Ayra Raissa da Silva Santos**

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7937-8994>  
Universidade Federal de Campina Grande, Brasil  
E-mail: ayra\_raissa23@hotmail.com

### **Lorena Thays Rodrigues Sampaio**

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5237-2979>  
Universidade Federal de Campina Grande, Brasil  
E-mail: l.thays\_rodrigues@hotmail.com

### **Haycha Lopes de Lucena**

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6586-0157>  
Universidade Federal de Campina Grande, Brasil  
E-mail: haycha.lopes@outlook.com

### **Karen Nóbrega Guimarães**

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3277-2788>  
Universidade Federal de Campina Grande, Brasil  
E-mail: guimaraes.n.karen@gmail.com

### **Raline Mendonça dos Anjos**

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0751-7523>  
Universidade Federal de Campina Grande, Brasil  
E-mail: raline.anjos@gmail.com

### **Aleson Pereira de Sousa**

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3430-477X>  
Universidade Federal da Paraíba, Brasil  
E-mail: aleson\_155@hotmail.com

### **Abrahão Alves de Oliveira Filho**

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7466-9933>  
Universidade Federal de Campina Grande, Brasil  
E-mail: abrahao.farm@gmail.com

### Resumo

O projeto foi realizado na Comunidade Sítio Redinha e teve duração de 05 meses. A princípio, os integrantes selecionaram as principais *fake news* existentes, com objetivo de desmistificá-las com base em dados científicos, posteriormente, confeccionaram Vídeos e Folders, que foram publicados semanalmente. Os principais meios de divulgação dos materiais eram as redes sociais, como o WhatsApp, que teve o número disponibilizado ao chefe da comunidade, para que, através deste, as informações fossem compartilhadas, bem como o Facebook e o Instagram. Diante disso, o projeto obteve êxito em suas ações, já que o público alvo teve acesso a conhecimentos acerca da Covid-19, amenizando o efeito das notícias falsas relacionadas ao uso de fitoterápicos e plantas medicinais durante a pandemia.

**Palavras-chave:** Plantas medicinais; Fitoterapia; Covid-19.

### Abstract

The project was carried out in the Sítio Redinha Community and lasted for 05 months. At first, the members selected the main existing fake news, in order to demystify them based on scientific data, later they made Videos and Folders, which were published weekly. The main means of disseminating the materials were social networks, such as WhatsApp, which had the number made available to the head of the community, so that, through this, information could be shared, as well as Facebook and Instagram. Therefore, the project was successful in its actions, since the target audience had access to knowledge about Covid-19, mitigating the effect of false news related to the use of herbal medicines and medicinal plants during the pandemic.

**Keywords:** Medicinal plants; Phytotherapy; Covid-19.

### Resumen

El proyecto se llevó a cabo en la Comunidad de Sítio Redinha y tuvo una duración de 05 meses. En un primer momento, los integrantes seleccionaron las principales fake news existentes, con el fin de desmitificarlas en base a datos científicos, luego realizaron Videos y Carpetas, que se publicaron semanalmente. El principal medio de difusión de los materiales fueron las redes sociales, como WhatsApp, que tenía el número puesto a disposición del responsable de la comunidad, para que, a través de este, se pudiera compartir la información, así como Facebook e Instagram. Por lo tanto, el proyecto tuvo éxito en sus acciones, ya que el público objetivo tuvo acceso al conocimiento sobre el Covid-19, mitigando el efecto de noticias falsas relacionadas con el uso de hierbas medicinales y plantas medicinales durante la pandemia.

**Palabras clave:** Plantas medicinales; Fitoterapia; Covid-19.

## 1. Introdução

No Brasil, o conhecimento característico a respeito do uso das plantas, bem como a medicina popular, é decorrente de diversas influências culturais de colonizadores europeus, índios e povos da África (Aquino et al., 2007). Conforme Flor & Barbosa (2015), a nossa história está intimamente conectada ao meio natural, principalmente as plantas, que são empregadas como alimentos, na fabricação de moradias, utensílios, vestes e como forma de medicamento.

Apesar disso, as maiores partes dos habitantes procuram medidas terapêuticas como alternativas, por causa das adversidades no acesso ao atendimento primário à saúde, seja pelo distanciamento dos vastos centros de referência ou pela própria aquisição de medicamentos alopáticos, devido ao seu custo elevado (Veiga-Júnior, 2008).

Da mesma maneira, a lentidão do sistema de saúde, associado a aspectos como a baixa aquisição, além da inexistência de programas educacionais relacionados à saúde para a população em geral, entre outras circunstâncias, leva as pessoas a se automedicarem com base em informações transmitidas por leigos e que são vistas como verdadeiras para restaurar o bem-estar (Nicoletti et al., 2007).

Essas automedicações, muitas vezes, são feitas a partir do uso de plantas medicinais, também conhecidas como fitoterápicos. Segundo a Resolução da Diretoria Colegiada no. 48/2004 da Agência Nacional de Vigilância Sanitária – ANVISA, fitoterápicos são medicamentos preparados exclusivamente com plantas ou partes de plantas medicinais (raízes, cascas, folhas, flores, frutos ou sementes), que possuem propriedades reconhecidas de cura, prevenção, diagnóstico ou tratamento sintomático de doenças, validadas em estudos etnofarmacológicos, documentações tecnocientíficas ou ensaios clínicos de fase 3 (Arnous, 2005).

Habitualmente, o conhecimento de plantas para fins terapêuticos, é efetuado sem orientação médica, o que representa um risco iminente para a população, já que há a possibilidade de interação entre esses compostos naturais com os medicamentos sintéticos, além de poder ocorrer modificações nos resultados de exames laboratoriais (Heimall & Bielory, 2004; Külkamp et al., 2007).

Em conformidade com Firmino (2011), as plantas medicinais representam a principal matéria médica utilizada na medicina tradicional em suas práticas terapêuticas, sendo a medicina popular a que utiliza o maior número de espécies diferentes, e a maioria dessas plantas é utilizada com base no conhecimento popular, observando-se a carência do conhecimento científico de suas propriedades farmacológicas e toxicológicas. Similarmente, Martins et al. (2000), relatam que, no mínimo, um meio das espécies nativas, disponham de alguma propriedade medicinal, mas que nem 1 % foi estudada corretamente.

Ao mesmo tempo, a desinformação ou notícias que não agregam veracidade, através da disseminação pelas redes sociais e veículos de comunicação, podem alcançar uma enorme quantidade de pessoas; nesse contexto, tais informações são assim chamadas de “*fake news*”, prejudicando, no cenário da Covid-19 a saúde das pessoas (Almeida et al., 2020).

O uso de mídias sociais como ferramenta de auxílio e orientação sobre a utilização de fitoterápicos, mostra-se positivo, pois com a enorme propagação de informações falsas sobre a utilização de produtos derivados da fitoterapia, pode-se, com a participação de profissionais da área da saúde, orientar e conscientizar aqueles que estão acompanhando essas *fake news*, levando-os a refletir, bem como, seguir a orientação correta (Dantas-Medeiros et al., 2020).

Tendo em vista o cenário de pandemia do Covid-19, em que as notícias são transmitidas a população de forma imediata, tornou-se necessário a disseminação de informações verídicas sobre o uso racional dos fitoterápicos, que estavam sendo associados como tratamento/prevenção da contaminação pelo coronavírus. Nesse sentido, o presente trabalho tem como objetivo relatar a experiência dos membros do projeto de extensão “Fitoterapia e Covid-19: Mitos e Verdades”, discentes do curso de Ciências Biológicas e Odontologia da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG).

## 2. Metodologia

A pesquisa de campo com caráter exploratório foi realizada na Comunidade Sítio Redinha com duração correspondente a 05 meses. O objetivo de aprimorar hipóteses e proporcionar familiaridade com campo de estudo, através dos dados coletados e analisados diretamente do seu ambiente natural ou da realidade onde ele ocorre (Estrela, 2018; Pereira et al., 2018).

Em um primeiro momento, houve a realização de uma reunião online para o planejamento das atividades a serem desenvolvidas, proporcionando a criação de um cronograma com as atividades a serem executadas durante o projeto. Os integrantes selecionaram as principais *fake news* relacionadas não só ao uso de fitoterápicos, mas também a cura e a prevenção da Covid-19, com objetivo de desmistificar tais informações com base em dados científicos.

Posteriormente, foi realizada uma pesquisa pelos bolsistas e voluntários, em busca de dados científicos para a produção do material que foi disponibilizado. Logo após, os representantes da comunidade foram informados da forma que funcionaria o projeto e os mesmos repassaram informações sobre acessibilidade dos moradores da comunidade.

Um número de telefone com acesso ao aplicativo WhatsApp, foi disponibilizado ao chefe e aos membros da comunidade, para que, através destes, as informações fossem compartilhadas. O projeto ainda contou com um plantão de dúvidas, disponível todos os dias da semana em qualquer horário.

As redes sociais, Facebook e Instagram, também foram utilizadas para divulgação do material produzido pelos alunos, objetivando um maior alcance das informações científicas, sobre os mitos e verdades da fitoterapia e a nova infecção ocasionada pelo coronavírus. Além disso, o projeto foi articulado de forma inclusiva, com vídeos traduzidos em libras,

legendados e com a produção de textos didático, para atender melhor a população de pessoas surdas, que pudessem adquirir essas informações através dos nossos meios de comunicação.

Os alunos bolsistas, assim como os voluntários, confeccionaram Vídeos e Folders a respeito das espécies vegetais: limão (*Citrus latifolia* Tanaka), alho (*Allium sativum* L.), mastruz (*Dysphania ambrosioides* (L.) Mosyakin & Clemants), capim-santo (*Cymbopogon citratus* (DC) Stapf), hortelã (*Mentha spicata* L.), boldo (*Pneumus boldus* (L.) Molina), gengibre (*Zingiber officinale* Roscoe), camomila (*Matricaria chamomilla* L.), eucalipto (*Eucalyptus globulus* Labill), óleo de coco (*Cocos nucifera* L.), mandioca brava (*Mahihot esculenta* Crantz), maracujá (*Passiflora edulis* Flavicarpa Degener) e salgueiro-branco (*Salix alba* L.), que começaram a ser publicados semanalmente. Em síntese, as últimas postagens, que deram uma ênfase maior sobre as interações medicamentosas e as plantas tóxicas, aconteceram no final de dezembro.

### 3. Resultados e Discussão

Os alunos da extensão criaram um perfil educativo na rede social, Facebook, e o usaram, juntamente com o Instagram, para divulgar os materiais ilustrativos, bem como para promover um bate-papo com os integrantes da comunidade atendida, objetivando popularizar conhecimentos científicos, que comprovam os mitos e as verdades relacionadas com a Fitoterapia e a Covid-19.

As informações transmitidas em vídeo, também foram traduzidas para a Língua de Sinais (LIBRAS), com o objetivo de incluir os deficientes auditivos. De Souza e Porrozzini (2017), relatam em sua pesquisa, que esse público ainda não é introduzido totalmente no Sistema de Saúde, da maior parte dos municípios do país. Assim sendo, a conquista mais fundamental da promulgação da lei de libras no Brasil, indubitavelmente, está associada com o direito de os surdos falarem a língua de sinais, em qualquer lugar público que estiverem como linguagem nativa (Souza, 2006). Com essa divulgação nas redes sociais, o projeto pode alcançar outras comunidades, em todo o estado da Paraíba.

De acordo com isso, a primeira publicação foi referente à apresentação, com o propósito da comunidade conhecer o projeto; posteriormente, foi compartilhado um vídeo sobre os riscos da automedicação com fitoterápicos. O que é de extrema relevância, pois segundo Arnous, Santos e Beinner (2005), a utilização das plantas medicinais não acontece de maneira orientada, uma vez que a maior parte das indicações é baseada no saber popular, sem um estudo científico mais elaborado.

Posteriormente, começaram a ser publicadas, semanalmente, informações para combater as notícias falsas envolvendo o uso da Fitoterapia no combate e prevenção da Covid-19 já divulgadas durante a pandemia, além de estender, divulgar e incentivar não só a preparação, como também o uso consciente dos medicamentos, que muitas vezes eram utilizadas de maneira incorreta (Figura 1).

**Figura 1.** Publicação no Facebook desmistificando um dos mitos sobre a Fitoterapia e a Covid-19.



Fonte: Autores.

Os Folders continham informações como, o nome popular/científico da espécie vegetal, as principais características, suas utilizações, possíveis interações medicamentosas e, em casos de não comprovação científica, era feito um alerta, bem como as recomendações para prevenção da doença. Estas consistem em lavar as mãos com água e sabão ou álcool, cobrir o nariz e boca ao espirar ou tossir, não compartilhar objetos de uso pessoal, manter os ambientes limpos e ventilados, entre outras (Brasil, 2021).

Em concordância, o estudo de Brito et al. (2020), relata que a utilização de medicamentos no cenário de pandemia, acontece de forma irracional, posto que, na maioria dos casos, os compostos exibem pouco ou nenhum indício científico para atestar sua ação contra o coronavírus.

Em suma, nas últimas semanas de dezembro, as publicações enfatizam as formas, não só sobre as interações medicamentosas, abordadas durante todo o projeto, mas também sobre as plantas tóxicas, com o intuito de alertar sobre os riscos e sanar as eventuais dúvidas da população. Esses assuntos merecem destaque, pois podem comprometer o bem-estar do indivíduo. Secoli et al. (2012), descreve interação medicamentosa (IM), como a atividade de uma medicação sobre o efeito curativo de outra. Já as plantas tóxicas, podem ser definidas como aquelas que, por contato ou consumo, acarretam prejuízos à saúde do ser humano ou animais, sendo capaz até de levar à morte (Getter & Nunes, 2011).

#### 4. Conclusão

Com a chegada da Covid-19, a população buscou maneiras de prevenir os danos ocasionados à saúde, uma delas foi o uso das plantas medicinais, que apesar de apresentarem propriedades benéficas, quando utilizadas de forma irracional, podem ocasionar efeitos prejudiciais ao organismo. Por isso, é de extrema importância que informações verdadeiras sejam divulgadas para a comunidade. Diante disso, conclui-se que o projeto obteve êxito em suas ações, já que o público alvo, teve acesso a conhecimentos acerca da Covid-19, amenizando o efeito das *fake news* em relação ao uso de fitoterápicos e plantas medicinais, durante a pandemia atual.

## Referências

- Almeida, A. et al. (2020). Como as *fake news* prejudicam a população em tempos de Pandemia Covid-19?: Revisão narrativa. *Brazilian Journal of Development*, 6(8), 54352-54363.
- Aquino, D. et al. (2007). Nível de conhecimento sobre riscos e benefícios do uso de plantas medicinais e fitoterápicos de uma comunidade do Recife-PE. *Rev. enferm UFPE*, 1(1), 107-10.
- Arnous, A. H., Santos, S. A., & Beinner, R. P. C. (2005). Plantas medicinais de uso caseiro - conhecimento popular e interesse por cultivo comunitário. *Revista Espaço para a Saúde*, 6(2), 1-6.
- Brasil. Ministério da saúde. (2021). O que você precisa saber e como se proteger. Brasília. <https://coronavirus.saude.gov.br/sobre-a-doenca#como-se-proteger>.
- Brito, J. C. M. et al. (2020). Uso irracional de medicamentos e plantas medicinais contra a covid-19 (SARS-CoV-2): Um problema emergente. *Brazilian Journal of Health and Pharmacy*, 2(3), 37-53.
- Dantas-Medeiros, R. et al. (2020). Uso seguro e racional de produtos naturais e fitoterápicos: a utilização das redes sociais digitais para interação entre profissionais da área da saúde e a sociedade. *Extensão & Sociedade*, 11, (2), 108-118, 2020. <https://periodicos.ufrn.br/extensaoesociedade>.
- De Souza, M. T., & Porrozzi, R. (2017). Ensino de libras para os profissionais de saúde: uma necessidade premente. *Revista Práxis*, 1(2).
- Estrela, C. (2018). Metodologia Científica: Ciência, Ensino, Pesquisa. Editora Artes Médicas.
- Firmino, W. C. A. et al. (2011). Contexto histórico, uso popular e concepção científica sobre plantas medicinais\*. *Caderno de Pesquisa*, 18 (n. especial).
- Flor, A. S. S. D. O., & Barbosa, W. L. R. (2015). Sabedoria popular no uso de plantas medicinais pelos moradores do bairro do sossego no distrito de Marudá-PA. *Revista brasileira de plantas medicinais*, 17(4), 757-768.
- Getter, C. J., & Nunes, J. R. S. (2011). Ocorrência de intoxicações por plantas tóxicas no Brasil. *Engenharia Ambiental*, 8 (1), 79-100.
- Heimall, J. & Bielory, L. (2004). Defining complementary and alternative medicine in allergies and asthma. *Clinical reviews in allergy & immunology*, 27(2), 93-103.
- Külkamp, I. C., Burin, D. G., Souza, H. M. M., Silva, P., & Piovezan, A. P. (2007). Aceitação de práticas não – convencionais em saúde por estudantes de medicina da Universidade do Sul de Santa Catarina. *Rev Bras Educ Méd*, 31(3):229-235.
- Martins, E. R. et al. (2000). *Plantas medicinais*. UFV Imprensa Universitária.
- Nicoletti, M. A. et al. (2007). Principais interações no uso de medicamentos fitoterápicos. *Revista Infarma*, 19 (1/2), 32-40.
- Pereira A. S. et al. (2018). Metodologia da pesquisa científica. UFSM.
- Secoli, S. R. et al. (2012). Interações medicamentosas em pacientes coronariopatas. *Rev. Bras. Cardiol*, 25(1), 11-8.
- Souza, R. M. (2006). Língua de sinais e escola: considerações a partir do texto de regulamentação da língua brasileira de sinais. *ETD - Educação Temática Digital*, Campinas: UNICAMP, 7(2), 266-281.
- Veiga Júnior, V. F. (2008). Estudo do consumo de plantas medicinais na Região Centro-Norte do Estado do Rio de Janeiro: aceitação pelos profissionais de saúde e modo de uso pela população, *Revista Brasileira de Farmacognosia*, 18(2), 308-313.